A CASA TOMBADA

FACONNECT - Faculdade Conectada / Pós-graduação *lato sensu* “O livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”

GIOVANA FRANZOLIN LOPES

Grandes Livrinhos pelas ondas do rádio: um relato de experiência sobre o percurso de uma coluna literária

Trabalho de conclusão de curso apresentado n’A Casa Tombada como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de especialista em Pós-Graduação *lato sensu* “O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, sob orientação das professoras Ananda Luz e Cristiane Rogerio.

São Paulo – SP
2026

Grandes Livrinhos pelas ondas do rádio: um relato de experiência sobre o percurso de uma coluna literária

Giovana Franzolin Lopes[1]

Resumo: Este artigo visa descrever a trajetória do projeto *Grandes Livrinhos*, uma coluna literária sobre livros para a infância, originalmente veiculada pela *Rádio Câmara Bauru*, de sua concepção até sua veiculação. Para tanto, reflete sobre crítica literária especializada em literatura infantil; o espaço ocupado/reservado a ela em alguns dos importantes veículos de comunicação brasileiros; as especificidades da linguagem radiofônica e seus potenciais e limitações como canal de comunicação para difusão do livro para a infância e livros ilustrados.

Palavras-chave: livro para a infância; livro infantil; jornalismo radiofônico; jornalismo especializado; crítica literária especializada.

"Quem somos na linha do tempo do livro para a infância?" (Cristiane Rogerio)[2]

"Toda escrita é de si." (Luiza Christov)[3]

O ano era 2005, o último em que cursava Comunicação Social – habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Bauru/SP. Para o Trabalho de Conclusão de Curso, meu colega Edison Veiga[4] e eu tínhamos uma certeza: estudaríamos algo relacionado a livros, aquele objeto que nos aproximou e consolidou nossa amizade. Batemos o martelo com o projeto de pesquisa *Sem tropeçar nas letras: quando e como o livro*

[1] Jornalista, Mestra em TV Digital, servidora pública municipal da Câmara Municipal de Bauru/SP, aluna da turma 11 do curso de pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, do Instituto A Casa Tombada - Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Arte, Educação e Linguagem.

[2] Questionamento formulado por Cristiane Rogerio, professora e cocoordenadora do curso de pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 03/10/2024, sob o tema "E tudo se entrelaça: nós e as linha do tempo".

[3] Fala de Luiza Christov, professora da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 14/08/2024, sob o tema "A escrita acadêmica... que escrita é essa?".

[4] Jornalista brasileiro radicado na Eslovênia, autor de oito livros, entre eles *Santo Antônio: a história do intelectual português que se chamava Fernando, quase morreu na África, pregou por toda a Itália, ganhou fama de casamenteiro e se tornou o santo mais querido do Brasil* (Planeta, 2021) e o infantil *O menino que sabia colecionar* (Panda Books, 2012).

vira notícia, orientados pelo Prof. Dr. Luciano Guimarães[5], que tinha em seu currículo experiência em editora de livros. E lá fomos nós compreender o ciclo do livro, desde sua concepção, até virar produto e notícia. Entrevistamos editores, assessores de imprensa e outros profissionais da cadeia do livro e ao final propusemos um produto, uma agência de notícias chamada *Chafariz* ("Esguichando livros"), que seria especializada em cobrir o mercado editorial de livros.

Avancemos para 2012. Cursava o primeiro ano do Mestrado Profissional em *Televisão Digital: Informação e Conhecimen*to, novamente na Unesp em Bauru. Desta vez em carreira solo, tinha mais uma vez a mesma certeza: a pesquisa tinha que estar relacionada a livros. Meu orientador, Prof. Dr. Juliano Maurício de Carvalho[6], compreendendo que não havia muita flexibilidade quanto a esse requisito, contribuiu para o desenho do projeto de pesquisa, que culminou na dissertação *Virando a página na TV: dimensões da leitura em um cenário multiplataforma*. Pesquisei as potencialidades da televisão digital enquanto ferramenta de fomento à leitura, dialogando com conceitos como múltiplas telas, convergência midiática e *Social TV*.

Saltemos para 2024. Havia visto pelas redes sociais uma divulgação sobre o período de matrícula para inscrição no curso de pós-graduação *O Livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, no Instituto A Casa Tombada - Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Arte, Educação e Linguagem. Eu já havia me reconectado com os livros infantis em 2016, com o nascimento da minha filha Clarice, e desde o pandêmico 2020 havia me aprofundado no tema a partir de cursos livres *online*, estudos de forma autodidata e muita curiosidade e contatos pelas redes sociais. Já havia criado o *Grandes Livrinhos*[7], perfil no Instagram em que compartilhava, como *hobby*, minhas impressões

[5] Atualmente professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), atuando nos cursos de Jornalismo e Editoração. Também editor-executivo da revista *MATRIZes*, revista acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA-USP.

[6] Professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia na Unesp de Bauru. Livre-docente em Políticas de Comunicação, Mídia e Indústrias Criativas.

[7] O nome do perfil carrega o substantivo "livrinho" como um diminutivo afetivo, nunca de inferioridade ou desprezo. Por isso mesmo, conta com o adjetivo "grandes", que brinca com a oposição e exalta a grandeza dos livros infantis.

informais sobre literatura infantil[8] e livro ilustrado[9]. Já estava, então, convencida de que esse era um universo que queria compreender cada vez mais.

E a ideia de uma pós-graduação me seduzia, mas também me amedrontava. Por um lado, todo o conhecimento que viria a alcançar, os professores especialistas com quem teria contato, a troca com outros colegas, a legitimação que buscava a partir do título de "especialista". Por outro, o distanciamento de uma década do meio acadêmico, a vida atribulada já preenchida de muitos afazeres e a questão financeira a ponderar.

Mas a paixão literária falou mais alto e me tornei aluna formal da pós. Na bagagem, uma carga elevada de expectativa, algumas poucas certezas e uma infinidade de dúvidas, principalmente – o que busco com essa pós? Que lugar quero ocupar nesse macrocosmo do livro? Que projetos quero desenvolver? E agora, José[10]?

No decorrer do percurso, atravessando as aulas e módulos, fui internamente respondendo a algumas dessas perguntas. Antes de perceber o local que queria ocupar, fui entendendo aqueles que não me cabiam – eu não era (e não desejava ser) contadora de histórias, tampouco mediadora (profissional) de leitura, nem *digital influencer, Bookstagrammers* ou *BookToker,* escritora, ilustradora ou editora. E fiz um interessante processo de retornar às origens, quando, de forma um tanto óbvia, mas ainda com surpresa, percebi que meu local sempre foi aquele que havia escolhido há mais de vinte anos - o ambiente da comunicação e do jornalismo. Ficou claro que a maneira pela qual eu enxergava os livros era sempre através da lente do (bom) jornalismo – com curiosidade, profundidade, criticidade e, antes de tudo, seriedade.

E esse local de pertencimento foi legitimado há pouco tempo, em meados de 2025, quando recebi do Diretor da Rádio e TV Câmara Bauru, Marcelo Malacrida de Morais[11], o convite para criar uma coluna sobre literatura infantojuvenil para ser veiculada pela rádio legislativa bauruense. A coluna estreou em agosto de 2025 após algumas reflexões sobre

---

[8] Opto por alternar, neste artigo, os termos livro/literatura *infantil* e livro/literatura *para a(s) infância(s)*, no entendimento que o primeiro tende a ser o termo mais habitualmente empregado pelo uso comum e pelo mercado, o qual identifica diretamente o público-alvo das (ou de boa parte das) obras; e também o segundo, em um contexto mais atual e abrangente, que compreende a infância como um período da vida e não apenas como uma faixa etária, bem como seu plural, *infâncias*, entendendo que essa fase é múltipla e diversa. O termo "livro para a infância" também é alinhado ao entendimento desta pesquisadora, em conformidade ao nome do curso do qual deriva este texto, conforme explicam as coordenadoras do curso: "Assim, vamos ganhando consciência de que esse livro para a infância não é único também, é plural e nele cabem muitos modos de ser criança, muitos mundos, muitas maneiras de sentir, de brincar; [...]" (ROGERIO, FELTRE E LUZ, 2023, p. 44).

[9] Conforme o escritor, pesquisador e professor Odilon Moraes, em aula sob o tema "Quando o objeto fala: as criações e o pensamento dos designers dos anos 1950 e a entrada dos cartunistas nos anos 1960", proferida à turma 11 da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em 07/11/2024: "O livro ilustrado acontece no entre, no desencontro entre imagem e palavra".

[10] Verso inicial do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente no livro *Poesias,* em 1942, pela Livraria José Olympio Editora.

[11] Editor de vídeo. Atualmente Diretor de Comunicação da Câmara Municipal de Bauru, responsável pela Rádio e TV Câmara Bauru. Presidente da Associação Brasileira de Televisões e Rádios Legislativas (Astral) entre 2020 e 2021.

linguagem, público, curadoria e formato, critérios esses que seguem sendo testados e (re)pensados.

A partir da coluna radiofônica, respondi à outra pergunta que me instigava no início da pós, sobre o projeto que queria criar. E assim pude reunir meus interesses num mesmo produto - jornalismo (radiofônico), livros para a infância e comunicação, fazendo também com que eu acrescentasse novas perguntas ao rol de indagações – nesse contexto, como se apresenta a crítica literária especializada em livros para a infância no Brasil? Ela se restringe a quais espaços e a partir de quais vozes? Qual o meu papel nesse cenário? O que faço na minha coluna da rádio seria crítica literária especializada? Se não, devo buscá-la? De que forma?

Este artigo visa discorrer sobre o contexto apresentado anteriormente, tentando responder às perguntas postas acima por meio de um relato de experiência, a partir da criação e desenvolvimento da coluna literária *Grandes Livrinhos*, originalmente veiculada pela *Rádio Câmara Bauru*.

Nasce um produto: a coluna radiofônica literária *Grandes Livrinhos*

"Se o livro é um ecossistema, qual o **meu** *papel nesse sistema?" (Giovana Franzolin Lopes)*[12]

Quando recebi o convite para desenvolver uma coluna sobre literatura infantojuvenil para a *Rádio Câmara Bauru*, aceitei prontamente, sem muitas reflexões. Afinal, era um enorme privilégio ocupar esse espaço numa emissora de rádio e ainda desenvolver um produto jornalístico a partir do tema que estudava, formal e informalmente, havia vinte anos – livros e o mercado editorial. A literatura infantil chegara há menos tempo, cerca de nove anos, mas arrebatara um espaço "latifúndico" dentro do meu escopo de interesse, que passou a ser prioridade.

Era chegada a hora de formatar o programa propriamente dito. Eu não tinha nenhuma diretriz específica a seguir, nenhum pedido formal para atender. Liberdade de criação. Perfeito, o melhor dos mundos, por um lado. Mas por outro, a inexperiência para criar um produto radiofônico e os anos de distanciamento do jornalismo profissional.

Desde então, sabia que seria responsável por algumas etapas da produção e pré-produção do programa, como curadoria dos títulos abordados, elaboração do roteiro e locução. Parti

[12] Anotação desta pesquisadora a partir de aula da professora Anna Luiza Guimarães à turma 11 da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em 08/02/2025, sob o tema "O livro faz parte de um ecossistema".

desses critérios para pensar o produto, tendo em mente o estilo e o tom que pretendia. Tinha, desde o início, a preocupação de que fosse um produto jornalístico, no sentido de que, para tanto, faria uso de técnicas, não apenas de redação, mas principalmente quanto ao método de se fazer jornalismo, como responsabilidade de apuração e checagem, objetividade, clareza, ética, relevância para o público, dentre outros. Não saberia fazer de outra forma. Quanto ao formato, seria um 'programete' (como se diz na linguagem radiofônica), um programa curto, de poucos minutos de duração, em estilo 'coluna', autoral e temática, assinado, com periodicidade semanal, e opinativo, com liberdade para que pudesse me expressar na análise do livro. Tudo isso sem esquecer as características da linguagem radiofônica, idealmente simples e objetiva, com concisão e clareza. Lembrando dos ensinamentos da professora Gisela Ortriwano[13], "um jornalismo que acompanhe essas possibilidades, contanto que reaprenda a dominar a linguagem radiofônica que vai muito além do blablablá improvisado. É uma mistura bem dosada, equilibrada para cada situação, entre fala, música, efeitos sonoros e… silêncio". (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 85).

Em relação à curadoria, já tinha à minha disposição mais de uma centena de livros adquiridos ao longo da vida, desde os livros da minha infância, os que comprei para minha filha e os que fui adquirindo ou ganhando pelo caminho. A intenção era aplicar o conceito de bibliodiversidade[14] e abordar obras variadas, considerando autoria (nacional e estrangeira, autoria negra, indígena, etc.); diferentes editoras, incluindo as menores[15] e independentes[16]; diversos tipos de ilustrações e traços; variedade nas temáticas abordadas e estilos de texto (prosa, poema, contos cumulativos, fábulas, etc.); possibilidade de diálogo com efemérides e datas comemorativas (como Dia das Mães, Natal, Páscoa); amplitude de faixa etária (desde livros para bebês até, aproximadamente, 12 anos); livros-objeto, livros-imagem, livros-brinquedo, livros ilustrados... Mas antes de tudo, o principal critério contaria também com uma

[13] Jornalista, professora de Radiojornalismo na ECA-USP.

[14] Entendemos bibliodiversidade como "a diversidade cultural aplicada ao mundo do livro. Ecoando com a biodiversidade, ela refere-se à necessária diversidade da produção editorial disponibilizada aos leitores", em concordância com o documento *Declaração Internacional dos Editores e Editoras Independentes 2014: para manter viva e fortalecer juntos a bibliodiversidade*, de autoria da Aliança Internacional dos Editores Independentes.

[15] Em relação ao seu tamanho, ou porte, as editoras podem ser classificadas com base em seu faturamento ou em relação ao seu volume e capacidade de produção. A Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) costumam classificá-las em pequenas (que publicam de até 20 títulos por ano e têm catálogo reduzido); médias (mantêm um fluxo constante de lançamentos mensais e possuem catálogos consolidados, com centenas de títulos ativos); e grandes (lançam dezenas de títulos por mês, possuem diversos selos editoriais e dominam grandes fatias de mercado, especialmente em livros didáticos ou *best-sellers* internacionais).

[16] As editoras também podem ser classificadas com base em sua estrutura, sendo as pequenas/independentes aquelas com equipes enxutas (muitas vezes o dono acumula funções), foco em nichos específicos e distribuição limitada ou via plataformas de autopublicação; médias, que possuem departamentos estruturados (editorial, marketing, comercial) e presença nas principais redes de livrarias; e grandes, com estrutura corporativa complexa, logística própria ou contratos de exclusividade com grandes distribuidores, e alto poder de negociação de margens com varejistas.

certa subjetividade – como curadora, o livro escolhido precisaria, de alguma forma, ter me afetado, me atravessado, me deixado marcas. Digo "certa" subjetividade porque não se trata apenas de gosto pessoal, o famigerado "gosto ou não gosto", mas respeitando critérios de qualidade que pude desenvolver ao longo do tempo, em especial após minha trajetória no curso da pós-graduação *O Livro para a Infância*. Nesse contexto, posso citar critérios como riqueza de linguagem; respeito à inteligência do leitor e ausência de moralismo; relação texto-imagem complementar e inteligente; imagens sem estereótipos ou clichês; projeto gráfico criterioso, adequado ao público (como escolha do papel) e com elementos do design apropriados (como tipografia), dentre outros.

Além da certeza quanto à bibliodiversidade, também tinha a convicção do tom que pretendia com o programa – eu precisaria trazer a seriedade de fazer um programa jornalístico dentro de uma rádio legislativa, cujo público é formado essencialmente por adultos, mas equilibrando com a leveza e uma dose de informalidade que gostaria de imprimir, afinal, eu estava trazendo o universo da literatura para as infâncias e não queria uma sisudez ou formalidade excessivas que destoassem das obras abordadas. Decidi, então, que esse tom adviria do roteiro, da preparação do texto escrito, mas também da locução, que precisaria trazer uma atmosfera dialogada, como se eu estivesse conversando diretamente com o ouvinte, passando com empolgação a dica de um livro que me impressionou. Para isso, eu optaria por usar vocabulário e tom de voz coloquiais, mas ainda tentando soar como alguém que indica um livro menos por preferência pessoal e mais como profissional especializado.

Ainda quanto à elaboração do roteiro, é preciso destacar um dos principais desafios iniciais, relacionado a uma elementar característica do rádio – nesse meio de comunicação, tem-se apenas som, não imagem. Assim, ficaria de fora a representação visual das tão importantes ilustrações dos livros ilustrados e dos livros para as infâncias. Mas como assim?! Aquele elemento tão essencial, que, juntamente com o texto verbal, traz singularidade e integralidade ao livro ilustrado, precisaria ser compensado de alguma forma e, para tanto, precisaríamos nos valer de outra característica básica do rádio – o estímulo à imaginação do ouvinte, que precisaria ser considerada e provocada no momento da roteirização dos programas. Muitos pratos para equilibrar nesse malabarismo radiojornalístico.

Já definido o cronograma para início dos trabalhos – a coluna estrearia na programação na primeira semana de agosto de 2025 – elaborei dois roteiros como modelo para apreciação da direção da emissora, o primeiro sobre o livro *Mas Papai...*[17] (Jujuba Editora, 2013) e o segundo

[17] Texto de Marianne Dubuc e ilustrações de Mathieu Lavoie.

sobre *Selma*[18] (Ciranda na Escola, 2023), que foram prontamente aprovados. Tínhamos, enfim, oficialmente a coluna *Grandes Livrinhos*[19] como um programa originalmente concebido pela *Rádio Câmara Bauru*, com curadoria, roteiro e locução de Giovana Franzolin Lopes; trabalhos técnicos de Luiz Fernando de Castilho Bibiano[20] e Ana Carolina Garcia dos Santos[21]; e coordenação e direção de Lidiane Oliveira Santos[22] e Marcelo Malacrida de Morais[23]. Por decisão da coordenação, passaria a ser veiculado aos sábados às 9h30 e às 18h30, e aos domingos às 12h30 e às 18h30, considerando que os finais de semana são dedicados à programação local variada da emissora, que durante a semana tem boa parte da programação ocupada pela cobertura dos trabalhos legislativos e pela retransmissão do conteúdo da Rede Legislativa de Rádio. No ar desde o dia cinco de março de 2015, a *Rádio Câmara Bauru* opera em 93,9 Mhz, com quatro mil watts de potência e abrangência de transmissão para municípios localizados a um raio de 50 quilômetros de Bauru. É a primeira emissora no interior do país integrada à Rede Legislativa de Rádio, projeto de Brasília para a instalação de transmissores por todo o território nacional.

Nas palavras do professor e pesquisador Alvaro Bufarah Junior, que perfilou a *Rádio Câmara Bauru* para uma publicação sobre a interiorização da rádio pública,

> Com uma estrutura sólida e consolidada, a *Rádio Câmara Bauru* é reconhecida não apenas por sua qualidade técnica, mas também pelo seu papel estratégico na comunicação pública municipal, estabelecendo padrões elevados de excelência e servindo como modelo para outras iniciativas semelhantes em diversas cidades brasileiras. (BUFARAH JUNIOR, 2025, p. 240)

Importante destacar a importância do trabalho do radialista e locutor Fernando Castilho na concepção do programa, já que o profissional criou a vinheta de abertura e encerramento e contribuiu para criar o tom e a atmosfera da coluna a partir da pós-produção, principalmente com o emprego da sonoplastia, que trouxe uma personalidade e um colorido diferenciais ao produto, compensando, por meio da experiência sonora, a (desafiadora) ausência das ilustrações.

---

[18] Texto e ilustrações de Jutta Bauer.

[19] Optamos por manter o mesmo nome do projeto que a inspirou, originalmente criado como perfil na rede social *Instagram*.

[20] Radialista, locutor da *Rádio Câmara Bauru*.

[21] Jornalista e radialista, locutora da *Rádio Câmara Bauru*.

[22] Jornalista, chefe da *Rádio Câmara Bauru*.

[23] Vide nota 11.

De Bauru para todo o Brasil: coluna faz as malas

"O que quer que eu faça, vai se tornar para sempre aquilo que fiz." (André Gravatá)[24]

Coluna no ar, tínhamos então um produto redondo e bem-resolvido. Pouco tempo depois, durante visita da equipe da *Rádio Câmara* de Brasília à emissora bauruense, a coluna *Grandes Livrinhos* foi apresentada à diretora da rádio brasiliense, Verônica Lima[25], que se interessou em levar o programa para ser incorporada à programação da *Rádio Câmara*. Inicialmente prevista para integrar o programa *Farofa Completa* como um quadro, a coluna passou a fazer parte da programação da emissora como um programa avulso, compondo a programação cultural da rádio, sendo veiculada aos domingos, às 09h30min, desde outubro de 2025. Além disso, passou a ser também retransmitida para todo o Brasil a partir da Rede Legislativa de Rádio, passando a ser primeiro programa de uma rádio fora da capital federal exibido na programação nacional da *Rádio Câmara*.

Com mais de 1.400 rádios parceiras, a Rede Legislativa de Rádio foi "estruturada a partir da *Rádio Câmara* Brasília com o objetivo de ampliar o alcance da comunicação pública em todo o território nacional e de promover a cultura local, a transparência legislativa e o acesso à informação" (DEL BIANCO, MACEDO E SILVA, 2025, p. 13). Atualmente, a Rede integra 28 emissoras, chegando a 15 milhões de pessoas. A *Rádio Câmara* FM 96,9 MHz iniciou suas transmissões em Brasília em 20 de janeiro de 1999, com o objetivo de dar transparência aos trabalhos da Câmara dos Deputados, contando também com programas voltados à formação de cidadania e de campanhas de utilidade pública, além de programação cultural e musical. Também é responsável pela produção do clássico programa *Voz do Brasil*, na parte que cabe à Câmara dos Deputados.

A partir da experiência com a emissora brasiliense e percebendo o potencial da coluna para ser reaproveitada por outras emissoras, apresentei em outubro de 2025 o projeto à diretora da *Rádio Unesp FM*, Profa. Dra. Ângela Grossi[26], que no mês seguinte, após deliberação do

[24] Fala de André Gravatá, professor da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 04/09/2025, sob o tema "O que chama quando nos arrepia".

[25] Verônica Lima Nogueira da Silva é jornalista da *Rádio Câmara* com mestrado em Comunicação Social e em Poder Legislativo. Atualmente é diretora da *Rádio Câmara* Brasília. Organizadora do livro *Interiorização da Rádio Pública: Informação legislativa para todo o Brasil* (Edições Câmara, 2025).

[26] Ângela Maria Grossi é jornalista, pesquisadora e professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde atua no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia. Atualmente é Diretora da *Rádio Unesp FM* e vice-diretora do Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa da Unesp.

Conselho de Programação, aprovou o programa para integrar a programação. A partir de fevereiro de 2026, a coluna *Grandes Livrinhos* passou a ser transmitida pela *Rádio Unesp FM*, como um quadro do programa *Unespinha*, concebido em 2001 especialmente para o público infantil, veiculado aos domingos, a partir das nove horas. A *Rádio Universitária Unesp FM* é uma emissora pública, com caráter cultural e educativo, vinculada à Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi ao ar pela primeira vez no dia 13 de maio de 1991 e está sediada no câmpus de Bauru. Sintonizada em 105,7 MHz, a emissora atinge um raio de 100 km, atendendo a cidade de Bauru e região.

Por fim, até o fechamento deste artigo, já recebemos a sinalização de interesse da *Rádio FM Universitária 96,7*, vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI), por parte de seu coordenador, Prof. Dr. Carlos Monteiro[27]. Inaugurada em 2011, a emissora nasceu por meio de convênio com a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) e se consolidou como rádio-laboratório do curso de Jornalismo da UFPI, focada em programação educativa, cultural e cidadã.

Além de a coluna integrar a grade das emissoras mencionadas, podendo ser ouvida em fluxo ao longo da programação, a partir da sintonia pelas frequências moduladas, o conteúdo das emissoras também pode ser acessado de forma *online*, seja pelo *website*, ou via aplicativo das rádios[28], mas ainda assim respeitando o conteúdo disponibilizado em tempo real. Para oferecer uma maior possibilidade de acesso e viabilizar o compartilhamento do conteúdo da coluna, optamos, desde seu início, por disponibilizar os episódios nas principais plataformas de áudio, fazendo com que o programa, inicialmente criado como um produto radiofônico, assumisse também o formato de *podcast*. Atualmente, a coluna *Grandes Livrinhos* pode ser ouvida pelo *Spotify*, *SoundCloud*, *Amazon Music*, *Deezer* e *YouTube*, possibilitando seu acesso sob demanda.

Emprestando a reflexão do professor Luiz Artur Ferraretto,

> "Rádio e *podcast* usam parâmetros de linguagem idênticos, combinando a voz na forma da fala, a música, o efeito sonoro e o silêncio. São da mesma família, uma que se reúne em torno do microfone. Portanto, parentes. Não se trata, no entanto, de gêmeos. Talvez, sejam primos. [...] A diferença do *podcast* em relação ao rádio está na forma de consumo e na maneira como o conteúdo circula. Importa o que o público fez e faz com esses dois meios de comunicação". (FERRARETTO, 2023)

[27] Carlos Jorge Barros Monteiro é graduado em Comunicação Social – Jornalismo, Mestre e Doutor em Processos Comunicacionais. É professor da Universidade Federal do Amazonas, atualmente cedido à Superintendência de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como coordenador da Rádio Universitária UFPI FM.

[28] A *Rádio Câmara Bauru* conta com aplicativo próprio para acesso à programação. A *Rádio Câmara* Brasília e a *Rádio Unesp FM* podem ser acompanhadas por meio de seus *websites*.

Mapeando o mercado: as editoras brasileiras de livros infantojuvenis

"Um leitor se forma todos os dias." (Heloisa Pires Lima)[29]

A coluna já estava no ar há alguns meses quando me ocorreu um desconforto. Apesar de contar com inúmeros títulos incríveis, elegíveis para merecerem espaço como um "grande livrinho", percebi que meu acervo particular era composto, principalmente, por livros de editoras grandes e/ou consolidadas, com exemplares de editoras pequenas ou independentes em menor número. Além disso, notei que as representações de autoria também estavam limitadas, restringindo a tão almejada bibliodiversidade que queria imprimir. Como (bem) diz a pesquisadora Heloísa Pires Lima[30], referenciada pela professora e cocoordenadora da pós, Ananda Luz[31], durante uma aula do curso, "se a literatura representa o mundo, não está faltando mundo aí?". Sim, estava faltando mundo. E resolvi ir atrás dos mundos ausentes.

Considerando a impossibilidade (principalmente financeira) de "sair comprando" livros, optei por criar uma divulgação sobre a coluna, descrevendo brevemente minha atuação e o perfil do programa, e enviar via *e-mail* às diferentes editoras que fossem especializadas na publicação de livros infantojuvenis ou tivessem selos dedicados a essas obras. Na mensagem, convidava as editoras a conhecerem o programa e, se desejassem, enviassem livros do catálogo para eventual divulgação na coluna, deixando claro o caráter jornalístico do espaço e, para tanto, minha necessária isenção e liberdade na escolha dos livros, sem compromisso de incluir as obras enviadas.

Passei, então, a mapear o mercado, listando aos poucos as editoras e respectivos contatos. Para minha surpresa, cheguei ao número de cento e sessenta[32] editoras relacionadas, considerando, repito, apenas editoras que tenham livros infantojuvenis no catálogo, e

[29] Fala da pesquisadora Heloisa Pires Lima, referenciada por Ananda Luz, professora e cocoordenadora da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 23/08/2025, sob o tema "Modos de pesquisar".

[30] Antropóloga, escritora e pesquisadora. Sua obra é focada na literatura infantojuvenil e na representação das culturas africanas e afro-brasileiras.

[31] Educadora, pesquisadora, escritora e curadora literária. Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais. Cocoordenadora dos cursos de pós-graduação *O Livro Para Infância* e *Educação e Relações Étnico-Raciais* n'A Casa Tombada.

[32] Essa quantidade é provavelmente ainda maior, considerando as editoras que, por motivo variados, ainda não consegui rastrear. Segundo o Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), existem aproximadamente 740 editoras no Brasil. A Câmara Brasileira do Livro (CBL) possui cerca de 500 associados, conforme seu *website*, representando as principais empresas do setor, enquanto que a Liga Brasileira de Editoras (Libre) conta com cerca de 150 editoras independentes (conforme *website*).

agrupando no mesmo item selos diferentes de um mesmo grupo editorial[33]. Nesse momento, porém, não considerei qualquer outro filtro, ignorando critérios como representação de nicho, ou seja, editoras focadas em uma segmentação específica, ou como qualidade editorial, no sentido que não excluí editoras que pudessem publicar livros que não fossem escolhidos por mim a partir de conceitos editoriais como, por exemplo, ilustrações estereotipadas, baixa qualidade gráfica, ou texto superficial e/ou ofensivo.

Entre os meses de dezembro de 2025 e fevereiro de 2026, contatei todas as editoras relacionadas e, gradualmente, fui recebendo alguns retornos, seja topando prontamente o envio das obras, seja solicitando mais informações sobre o programa. Nesse processo, percebi a curiosidade por parte das editoras, por vezes até com certa desconfiança, como, por exemplo, o questionamento se havia algum custo envolvido, proveniente principalmente de editoras menores, talvez na necessidade de serem mais criteriosas na disponibilização de livros do acervo. Algumas enviaram livros no formato PDF, outras fizeram sua própria seleção, com um recorte do catálogo; outras enviaram links para o *website* ou o catálogo digital para que eu escolhesse alguns títulos. Muitas outras não retornaram o *e-mail*.

Felizmente, como desconfiava, recebi alguns títulos muito interessantes de editoras que antes do mapeamento eu sequer conhecia, com temáticas e autorias que eu ignorava, colaborando para que eu expandisse meu repertório acerca dos livros editados atualmente, bem como do próprio mercado em si – chegar a um número de cento e sessenta editoras dedicadas aos livros para as infâncias e juventudes era algo que eu desconsiderava completamente, fazendo com que seja espantoso conceber a quantidade de títulos lançados a cada ano no Brasil atualmente[34].

Os livros para as infâncias e os veículos de comunicação

"Quais são as histórias que não devemos deixar de contar?" (Magno Faria)[35]

[33] Isso significa, por exemplo, que selos como Companhia das Letrinhas, Brinque-Book, Escarlate e Pequena Zahar representaram, juntas, apenas uma editora, e não quatro.

[34] Segundo dados da *Nielsen BookData*, divulgados pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), foram lançados 44 mil títulos diferentes em formato impresso, em 2024, no Brasil, considerando todos os gêneros. De acordo com a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro* (ano-base 2023 - *Nielsen BookData*/CBL/SNEL), o segmento de infantis e juvenis registrou a produção de 7.086 títulos em 2023. Esse número engloba tanto novos títulos (3.011) quanto reedições (4.075) e representa cerca de 16% de toda a produção editorial brasileira em termos de variedade de obras.

[35] Questionamento formulado por Magno Faria, professor da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 27/11/2025, sob o tema "Encontro com o narrador de histórias na biblioteca".

Durante o trabalho de contato com as editoras, algumas retornaram parabenizando pelo programa e celebrando o fato de haver um novo espaço para divulgação de literatura infantojuvenil.

Isso me fez parar para refletir sobre como seriam tais espaços na atualidade, tendo em mente, antes de tudo, os meios de comunicação, pensando sobretudo em programas, veículos ou produtos jornalísticos. Que veículos de comunicação dedicam algum espaço à divulgação de livros para as infâncias? Se dedicam, que tamanho tem esse espaço? Ele é fixo ou eventual? Quais são os profissionais que se dedicam a essa cobertura setorizada? São eles críticos literários? Repórteres generalistas? Emprestando questionamento formulado pelas coordenadoras do curso, "por que a crítica (pública) literária ou jornalística voltada ao segmento 'livro para a infância' é tão pouca e insuficiente?" (ROGERIO, FELTRE E LUZ, 2023, p. 48).

Parti, então, para um novo mapeamento, desta vez solicitando também a colaboração de colegas de alguma forma envolvidos com o meio editorial, entre escritores, ilustradores, pesquisadores, jornalistas, a partir de alguns grupos de troca de mensagens.

Recebi algumas sugestões, acrescentei às minhas próprias, e fiz um filtro inicial, peneirando aqueles que se aplicavam ao meu interesse original – antes de tudo, produtos com algum embasamento jornalístico, formalmente vinculados a algum veículo de comunicação, e que fossem sobre divulgação literária, a partir de análises, resenhas ou colunas. Assim, excluí inicialmente as sugestões que versavam sobre contação de história, que vieram, principalmente, em forma de *podcasts*. Excluí, também, perfis de *influencers* literários nas redes sociais e publicações acadêmicas.

Cheguei, então, aos seguintes oito produtos:

1. Revista *Crescer*: A seção *Livros que Amamos*, assinada pela jornalista Cristiane Rogerio[36] desde maio de 2019, traz mensalmente destaques de lançamentos para as infâncias. A profissional também está à frente da lista d'*Os 30 Melhores Livros Infantis do Ano*, que em 2025 chegou à sua 20ª edição e é referência em relacionar livros de qualidade lançados no ano anterior, apontados por um rol de especialistas. A revista *Crescer*, publicada pela Editora Globo, é uma das principais publicações brasileiras voltadas para famílias, com foco em maternidade, paternidade e desenvolvimento infantil. Fundada há mais de 30 anos, a marca evoluiu de uma revista impressa para uma plataforma digital que inclui site, redes sociais e eventos. De meados da década de 2000 à metade da década de 2010, foi o veículo que mais fez divulgação do tema, com reportagens sobre leitura, entrevista de diversas maneiras, vídeos

[36] Vide adiante.

exclusivos, infográficos. Foi o primeiro espaço jornalístico a ter um blog focado no tema, o *Ler Pra Crescer*, no mesmo período. Antes de Cristiane Rogerio, a jornalista Paula Perim[37] fazia a cobertura de lançamentos e, no período de 2013 a 2019, Aryane Cararo[38] (que já havia trabalhado no suplemento *Estadinho,* do jornal *O Estado de S. Paulo*) assumiu a área na revista.

2. Revista *Quatro Cinco Um*: A seção *Rebentos*, de autoria variada, traz mensalmente cerca de uma ou duas resenhas sobre livros para as infâncias e juventudes. A edição de outubro, em comemoração ao Dia da Criança, costuma trazer a seção expandida, chegando por volta de dez ou doze livros analisados. Além disso, a *newsletter* de mesmo nome, enviada mensalmente, inclui resenhas, entrevistas e principais lançamentos do período. A *Quatro Cinco Um*, uma publicação da Associação Quatro Cinco Um, é conhecida como a "revista dos livros" no Brasil, sendo uma publicação mensal voltada para a crítica literária e a difusão da cultura. Seu nome é uma referência ao livro *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, publicado originalmente em 1953.

3. Rádio *CBN*: o programa *Páginas da Infância*, apresentado pela jornalista Janaína Barros[39], é dedicado à literatura para as infâncias e juventudes, trazendo resenhas de livros, entrevistas com autores e discussões sobre a formação de novos leitores. Vai ao ar, desde fevereiro de 2024, quinzenalmente aos sábados, às 14h30, dentro do programa *Revista CBN*. Em formato *podcast*, também está disponível nas plataformas de áudio. Venceu o Prêmio APCA 2025, da Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria de Programa de Variedades em áudio. A *CBN* (Central Brasileira de Notícias) é a maior rede de rádio *all news* do Brasil, pertencente ao Sistema Globo de Rádio. Com o slogan "a rádio que toca notícia", opera 24 horas com foco em jornalismo e análises.

4. Rádio *Eldorado*: Apresentado pela jornalista Thais Bilenky[40], o *Pequenas Grandes Histórias* é um quadro da *Rádio Eldorado* dedicado à literatura infantil e livros ilustrados, com a premissa de que essas obras não são voltadas apenas para crianças, mas trazem reflexões universais para todas as idades. Vai ao ar, desde novembro de 2025, durante o programa *Fim de Tarde Eldorado*, na programação de segunda a sexta, das 17h às 19h, com inserções semanais. Também está disponível como *podcast* em plataformas de áudio. A *Rádio Eldorado* (FM 107,3 MHz), sediada em São Paulo, é conhecida como "a rádio dos melhores ouvintes".

[37] Jornalista e mestra em Comunicação e Semiótica, especializada em primeira infância e parentalidade. Atualmente é Diretora de Sensibilização da Sociedade da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal.

[38] Vide adiante.

[39] Vide adiante.

[40] Jornalista, atualmente colunista de política do portal *UOL*, apresentadora dos podcasts *A Hora* (*UOL*) e *Lira: os atalhos do poder* (*UOL*), além de *Pequenas Grandes Histórias* (Rádio *Eldorado*).

Fundada em 1958 pelo Grupo Estado, a emissora é referência por sua curadoria musical e jornalismo vinculado ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

5. *PublishNews*: É o principal portal de notícias especializado no mercado editorial brasileiro, conhecido como "o jornal do livro" por profissionais do setor. Sem seção fixa sobre literatura infantojuvenil, eventualmente traz matérias especializadas, resenhas e os principais lançamentos do mercado na área. Fundado em 2001, é acompanhado por milhares de pessoas a partir do *website*, *newsletter* diária, *podcast*, canal no *YouTube* e postagens em redes sociais.

6. Portal *Lunetas*: É um dos principais veículos de jornalismo especializado em infâncias no Brasil. Criado pelo Instituto Alana, uma organização de impacto social, o portal foca na garantia de direitos, diversidade e no desenvolvimento integral das crianças. Dentro do espaço Literatura, na editoria de Cultura e Entretenimento, traz, sem periodicidade fixa, mas com certa frequência, matérias sobre livros para as infâncias, bem como entrevistas com autores.

7. *Folha de S. Paulo*: a *Folhinha* foi um suplemento infantil do jornal *Folha de S. Paulo*, lançado em 8 de setembro de 1963. Durante décadas, foi a principal referência de jornalismo e literatura para crianças no Brasil, revelando autores e educando gerações de leitores. Em janeiro de 2016, a Folha encerrou a circulação do caderno físico semanal, transformando a *Folhinha* em uma seção digital e edições impressas especiais esporádicas. Atualmente, a *Folhinha* segue como uma editoria digital no site da Folha, trazendo, sem periodicidade ou coluna fixas, notícias e resenhas sobre livros para as infâncias.

8. Jornal *Joca*: O primeiro jornal feito especialmente para crianças e jovens. Fundado em 2011, nasceu com a missão de formar cidadãos críticos e atualizados sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo, utilizando uma linguagem contextualizada e sem infantilização. Dentro da seção Cultura, publica eventualmente resenhas e dicas de livros.

Apesar de já descontinuados, vale aqui a menção a dois importantes *blogs*, mantidos por dois jornalistas a partir dos principais jornais de grande circulação brasileiros, devido à sua enorme relevância, ainda hoje (a partir dos textos arquivados, ainda acessíveis), à discussão da literatura infantojuvenil, como seguem:

Blog Era Outra Vez: foi um *blog* sobre literatura infantojuvenil da *Folha de S. Paulo*, editado e escrito pelo jornalista Bruno Molinero. Nas palavras do próprio jornalista, em seu post de despedida no perfil do Instagram, "em duas temporadas, de 2016 a 2019 e de 2023 a 2025, este foi um importante espaço de debate, crítica, reflexão e conversas sobre literatura infantojuvenil, livro ilustrado e mercado editorial para crianças e jovens". Conforme explicação do jornalista, em entrevista concedida a esta pesquisadora, "o encerramento foi uma decisão editorial e comercial do jornal. Depois do fim do *blog* e da coluna impressa, passei a fazer uma

seleção mensal de livros para a *Folhinha*, o suplemento infantil da Folha. Essa curadoria continua, mas o *Era Outra Vez* foi interrompido por ora. Tenho vontade de retomar em breve um espaço que publique textos mais aprofundados, mas ainda estou avaliando como, onde, quando e qual deve ser o novo formato dele".

Blog Estante de Letrinhas: foi um *blog* de literatura infantojuvenil do jornal *O Estado de S. Paulo*, criado e editado pela jornalista Bia Reis. Foi um importante espaço de crítica e curadoria literária na grande imprensa brasileira, sendo publicado de maio de 2012 a agosto de 2022, com periodicidade variando entre bissemanal e quinzenal. O *blog* chegou a ser suplemento impresso no Estadão, série de vídeos na TV Estadão e coluna na rádio. Sobre o seu cancelamento, a jornalista contou, em entrevista a esta pesquisadora, que antes de tudo o espaço era um interesse da própria profissional, abastecido em paralelo a outras atividades profissionais dentro do jornal. A decisão de deixar de abastecer o *blog* foi da própria jornalista, após se comprometer com outras atividades profissionais, que passaram a ser incompatíveis. Segundo Bia, foi um período incrível, que a satisfez grandemente e a estimulou para se capacitar ainda mais, já que foi fazer mestrado na área, porém hoje deixou de acompanhar o mercado, por dedicar-se a outra área profissional.

Consideramos incluir, também a menção a outros importantes produtos que, apesar de desvinculados de um veículo de comunicação formal, e, portanto, não jornalísticos, contribuem significantemente para divulgação, reflexão e difusão da literatura para as infâncias e juventudes, como seguem:

Revista *Emília*: Publicação digital independente e gratuita que, desde 2011, se dirige a todos os agentes que trabalham a leitura e a escrita como instrumentos para a formação de leitores críticos e conscientes. A publicação foca na reflexão teórica e crítica sobre a literatura infantojuvenil e a formação de leitores, sendo uma referência acadêmica e curatorial no setor.

Revista *Letra Miúda*: publicação digital especializada em literatura, com um time de colunistas 100% feminino. Os textos, de temas variados, incluem ensaios, resenhas, entrevistas, contos e crônicas, entre outros, e eventualmente discutem e refletem sobre livros para as infâncias.

Podcast *Livros e Infâncias*: um espaço de conversas sobre os livros para as infâncias que acontece na primeira terça-feira do mês. Em cada episódio, as pesquisadoras e educadoras Ananda Luz e Cristiane Rogerio convidam uma pessoa do pluriverso dos livros para papear e expandir percepções desse objeto. Disponível em plataformas de áudio, com 13 episódios até o momento.

Blog Letrinhas: apesar de focado nos lançamentos dos selos infantojuvenis da editora Companhia das Letras (Companhia das Letrinhas, Brinque-Book, Pequena Zahar e Escarlate), é uma referência na área devido ao perfil dos textos publicados, que aprofundam temáticas, trazem entrevista com autores e especialistas e são produzidos por uma equipe de jornalistas.

Além desses, *blogs* de editoras (como o *Experimente Literatura*, da Jujuba Editora), de clubes de leitura (como o do Clube Quindim e o da Leiturinha) e espaços livres de jornalistas e bibliófilos, por exemplo, também constituem espaços interessantes e relevantes para a discussão e divulgação dos livros para as infâncias, mas fogem ao escopo deste trabalho.

Com a palavra, os especialistas

"Eu vejo uma situação, não sei como resolver, mando uma poesia." (Nego Bispo)[41]

> Comentários positivos a respeito de um livro, em jornais e revistas de grande circulação, podem ser vitais para o sucesso comercial de um título ou série. As editoras enviam seus lançamentos para as redações de jornais e revistas, na esperança de que eles sejam bem-avaliados, e de que isso gere algum material positivo nestes meios de grande circulação. (SALISBURY E STYLES, 2013, p. 172).

A citação acima, dos especialistas ingleses em livro ilustrado infantil, Martin Salisbury e Morag Styles, refere-se à realidade do Reino Unido, mas no Brasil o processo não é diferente e respeita a mesma lógica – as editoras seguem na expectativa de terem algum (ou alguns) de seus títulos resenhados ou ao menos mencionados pelos veículos de comunicação que, por sua vez, contam com espaços cada vez mais diminutos para essa divulgação, quando ele existe, conforme explicitamos acima.

Para colaborar com as reflexões que pretendia com este artigo, optei por contatar alguns jornalistas que mantêm ou mantiveram espaços relevantes dentro de importantes veículos de comunicação para se pensar e divulgar a literatura para as infâncias e juventudes. São profissionais que, sobretudo, seguem sendo referências pessoais e me ajudam na construção de um pensamento crítico sobre a literatura infantojuvenil. Assim, contatei os profissionais abaixo relacionados, que pronta e gentilmente concordaram em colaborar com este trabalho:

[41] Aforismo do poeta Nego Bispo, referenciado por André Gravatá, professor da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 28/08/2025, sob o tema "O que chama quando nos arrepia".

Bruno Molinero: Mestre em Escrita Criativa, jornalista e editor. Autor, dentre outros, dos livros infantojuvenis *Krishna* (Barbatana, 2025), *A Língua do Vendaval* (ÔZé, 2024) e *Corpo de Passarinha* (SM, 2023). Manteve o *blog Era Outra Vez* no jornal *Folha de S. Paulo* (vide acima).

Janaína Barros: jornalista, produtora da *Rádio CBN/Estúdio CBN* e especialista em Literatura Infantil pela PUC/MG. Apresenta o quadro *Páginas da Infância*, na mesma emissora (vide acima).

Bia Reis: jornalista, atuou em redações nas funções de repórter, redatora, editora-assistente e editora, com passagem de 12 anos pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Mestre em História e Estética da Arte pela USP, atualmente é Gerente de Comunicação do Instituto Todos pela Saúde. Manteve o *blog Estante de Letrinhas* no jornal *O Estado de S. Paulo* (vide acima).

Cristiane Rogerio: jornalista, escritora, educadora, especialista em A Arte de Contar Histórias e mestra em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp. É cocoordenadora dos cursos de pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação* e *Criação de Livro Ilustrado: repertórios e experimentações para produções autorais*, no Instituto A Casa Tombada - Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Arte, Educação e Linguagem. Atua como colunista sobre livros e infâncias na revista *Crescer* (Editora Globo) (vide acima), coordena a lista *Os 30 Melhores Infantis do Ano da Crescer* e colabora com o *Blog Letrinhas*, da editora Companhia das Letras. É autora de *O Livro Para a Infância - caminhos que se entrelaçam* (Editora Quatro Cantos, 2025) e do infantil *Carmela Caramelo* (Cortez Editora, 2012). Ela está na cobertura da temática desde 2005.

Abaixo, transcrevo as três principais perguntas igualmente elaboradas a eles e as respectivas respostas:

Como você avalia o espaço dedicado atualmente pelos meios de comunicação, de uma forma geral, à divulgação da literatura infantil?

[BRUNO] Acho irrisório. A produção de conteúdo sobre literatura infantojuvenil é inversamente proporcional ao volume de lançamentos e ao faturamento desse segmento. A gente vive num cenário em que se publica muito, mas há pouca reflexão sobre o que está sendo publicado. Pouca gente faz análise e crítica de qualidade, quase ninguém produz reportagem sobre LIJ [literatura infantojuvenil] e os espaços de publicação estão diminuindo. Acho que existem algumas hipóteses para isso. Entre elas, a crise financeira do jornalismo profissional e tradicional; o fato de a LIJ (e a infância em geral) ser vista como algo menor dentro da literatura, da arte, da cultura e da mídia; o excesso de "produtores de conteúdo" e

"influenciadores digitais" com a mesma profundidade de uma tábua de churrasco; e o surgimento de uma zona cinzenta entre o jornalismo e a publicidade, que domestica o jornalismo, arranca seus dentes e gera conteúdos sempre elogiosos e condescendentes, incapazes de morder.

[JANAÍNA] Entendo que a literatura para as infâncias ainda tem pouco espaço em veículos profissionais de circulação nacional. Mesmo em publicações especializadas o espaço se limita a um quadro pontual de indicações de lançamentos ou uma resenha, que não tomam mais do que uma página. É fundamental apresentar a literatura para as infâncias e juventudes como uma manifestação artística e tentar dar conta de um mercado que cresce em produção e diversidade de publicações, além de ampliar espaços de circulação desse debate e dos livros. A cobertura, na maioria das vezes, é breve e pautada por datas comemorativas, efemérides (morte ou aniversário de importantes autores, dias do livro e do leitor) e grandes eventos literários como as Bienais[42] e a Flip[43]. Faltam regularidade e periodicidade. O que não encontramos nos meios de comunicação profissionais, notamos aumentar nas redes sociais (Instagram, YouTube e TikTok). É cada vez mais comum achar perfis de influenciadores que fazem resenhas de obras do mercado infantojuvenil. A divulgação também fica muito por conta dos perfis de grandes casas editorais ou dos próprios autores.

[BIA] Acho que é um espaço bastante restrito. A gente tem alguns veículos que dedicam, eventualmente, um espaço maior. A gente tem a Quatro Cinco Um[44], que tem edições geralmente em outubro, dedicadas à literatura infantil. A gente tem algum espaço na [revista] Crescer[45], eventualmente nos veículos de grande circulação, mas a gente não tem uma cobertura recorrente, sistemática, nos grandes, nos veículos de comunicação. Acho que um pouco por isso que perfis nas redes sociais acabaram se tornando muito relevantes. Acho que há o interesse do público, de um público específico, porque é uma literatura com um recorte bastante determinado, mas a gente tem público para isso.

[CRISTIANE] Eu não sei se consigo avaliar, se esse é o termo, mas de qualquer forma, eu acho que a gente ainda tem uma coisa a lamentar, por diversas razões históricas, de pensamentos, de ideais para cá, ideais para lá, no campo da educação, no campo político, no campo das artes e da própria literatura, da história do livro... A literatura infantil como um gênero fica com esse lugar de menor importância ou importância limitada no sentido do mais

[42] Em especial a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e do Rio de Janeiro.

[43] Festa Literária Internacional de Paraty, realizada anualmente. Em 2026, chega a sua 24ª edição.

[44] Vide anteriormente.

[45] Vide anteriormente.

óbvio, que é a idade. Entende-se, você lê literatura infantil apenas quando você está em determinada fase, e isso reverbera no livro em si e nas possibilidades do livro circular. Os meus estudos não vêm desse lugar, vêm do geral, principalmente do jornalismo, e de acompanhar esse tempo de estudo, da nossa história. Até há uma discussão, se a literatura infantil é um gênero, é uma categoria, ou se dentro dela tem as outras categorias. Existem todas essas questões, que são as questões que dividem o campo do pensamento, das artes, da educação... mas o mercado no fim das contas, é o que manda nisso tudo. Porque o livro tem que ser um produto cultural que tem um custo e precisa circular economicamente e saudavelmente. Para mim, tudo isso influencia no que vai ser exposto ou não, ou seja, se vai ter um programa de TV... Então, para ter um programa de TV, um programa de rádio como o seu, uma coluna como a minha dentro da revista Crescer, ou o que a gente já viu, por exemplo, com a Bia Reis[46], com a Renata Rossi[47], com o Portal do Lunetas[48], o Bruno [Molinero][49], a Aryane Cararo[50], que hoje está na Companhia das Letras. Pode ver: todos esses espaços jornalísticos que fazem a cobertura de literatura infantojuvenil são feitos por algum tipo de militância, ou da chefia ou da própria pessoa que está escrevendo ou produzindo. A Jana [Janaína] Barros também, agora fazendo tanta diferença no programa da CBN... Eu acho que é isso ainda que faz os meios de comunicação darem pouco acesso a esse tipo de arte. Até de um modo geral as reportagens sobre leitura, sobre literatura, ficam sempre, principalmente se forem para crianças, em um lugar pequeno, perto da imensidão que a gente sabe que é esse campo artístico, literário e infinito.

Você considera seu trabalho como sendo uma crítica literária especializada?

[BRUNO] Sim e não. É especializada, sim, porque a LIJ tem características muito próprias. Um crítico literário ou jornalista que escreve sobre "livros para adultos" raramente precisa analisar imagem, design, materialidade, interação entre texto e ilustração e outras coisas do tipo[51]. Mas, no caso de um livro ilustrado para a infância, esse é o "job

---

[46] Vide anteriormente.

[47] Jornalista, mediadora de leitura, pesquisadora em Literatura e Crítica Literária, idealizadora do *Primeiras Leituras*, projeto de mediação de leitura em família.

[48] Vide anteriormente.

[49] Vide anteriormente.

[50] Jornalista, pesquisadora, escritora. É consultora em marketing digital na Companhia das Letras, foi editora-chefe da revista *Crescer* e editora do suplemento infantil *Estadinho*, d'*O Estado de S. Paulo*.

[51] Para contribuir com a reflexão do entrevistado: "Eles [os livros ilustrados] estão evoluindo e mudando tão rapidamente em sua forma que tem sido difícil para os críticos acompanharem sua natureza essencialmente visual. Muitos críticos não estão acostumados a escrever sobre obras essencialmente visuais, e têm dificuldade de escrever sobre elas". (SALISBURY E STYLES, 2023, p. 172).

description[52]". Por outro lado, não gosto de colocar a LIJ numa caixinha tão especializada e cercada por muros. Para mim, os parâmetros que permitem reconhecer um bom livro devem servir para qualquer tipo de publicação e faixa etária. E é aí que, na minha opinião, muitos títulos para a infância escorregam. Eles deixam de se preocupar com narrativa, linguagem, estética, desobediência, ambiguidade e outros critérios literários para se debruçar sobre o pedagógico, a lição de moral, os bons costumes, o empoderamento e a autoajuda.

[JANAÍNA] Receio não ter uma resposta fechada. É muito interessante ter um espaço num veículo jornalístico de grande circulação para que a crítica literária seja exercida de maneira séria, comprometida, atenta aos aspectos formais das obras - texto, imagem, projeto gráfico, formatos, gêneros, etc. Esses pilares são norteadores do meu trabalho e estão sempre no meu horizonte. No entanto, há um aspecto importante que me atravessa: eu não estou em um veículo especializado em literatura e a maioria dos meus ouvintes são pessoas comuns, que não estão no meio e, portanto, pouco ou nada conhecem sobre o assunto. A informação deve levar isso em conta e se transformar em uma conversa simples, numa linguagem acessível, cuidadosa, que alcance o maior número possível de pessoas. A busca é pelo equilíbrio entre o conhecimento acadêmico e uma comunicação que faça sentido para os pais, as mães, os cuidadores, professores(as) que buscam entender melhor todas as especificidades da literatura para as infâncias e juventudes. Algumas ferramentas que uso são trazer teóricos que traduzam essas informações para o dia a dia, a rotina, entrevistar autores que possam apresentar as suas obras e desse modo se aproximar do público e também ouvir as crianças porque me interessa mostrar, na prática, como essa teoria funciona e como a "mágica" acontece. Além de pensar no caráter informativo e analítico, acredito nos exemplos que podem indicar quais caminhos experimentar, tentar, seguir para formar bons leitores. Gosto bastante do termo "crítica criancista" cunhado pelo professor Peter Hunt[53], no qual a leitura privilegiada é a da criança e não a do adulto que acha que sabe o que elas querem ou gostam. O que proponho em minhas colunas é nos aproximarmos das crianças, ouvi-las, entender o que gostam, o que já conhecem, o que ainda não leram, observar como interagem com o objeto livro, e a partir daí também ter a oportunidade de resgatar o sensível em nós, adultos. Somos bons leitores também? De que maneira essa leitura nos toca, nos atravessa, impacta no nosso modo de ser, de exercer a nossa humanidade? É um exercício de ser criança, como propõe Manoel de Barros[54]. Talvez eu goste

[52] A descrição do trabalho ou do cargo, com seus requisitos e atribuições.

[53] Professor e pesquisador britânico, estudioso e crítico de literatura infantil. Autor do livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil* (Cosac Naify, 2010).

[54] Poeta e escritor brasileiro, autor de diversos livros.

de tentar aproximar a especialista da criança que um dia eu fui e de estar perto das crianças de hoje para entender de que maneira o meu trabalho pode colaborar para espalhar boas histórias por aí. Uma busca constante.

[BIA] Eu acho que tem um tanto dessa função que eu acho que preenchia, sim, de uma de uma crítica literária, mas eu acho que era mais uma curadoria de livros que eu fazia do que uma crítica especializada, porque a crítica especializada, a crítica da literatura, é lógico que ela pode ser feita por jornalistas, mas eu acho que ela exige um certo método que eu não aplicava. Então, se você olhar os textos que eu fazia, eles eram apontamentos de livros que eu achava que valiam a pena. Porque eu pensava que já tinha tão pouco tempo e tão pouco espaço para escrever sobre esses livros, que não fazia sentido escolher coisas de que eu não gostava. Então, é lógico que ao longo de todos esses anos, eu mesma fui mudando a percepção sobre determinados livros, tem livros que eu escolhi, especialmente no comecinho, que depois de alguns anos, já não teria escolhido, porque a minha própria visão sobre esses livros foram mudando. Eu tinha muito interesse pela relação entre texto, imagem e objeto e menos interesse pelos livros em que a palavra era mandatária e a imagem funcionava mais de forma acessória. Então, meu olhar também foi mudando. Eu acho que era mais uma curadoria do que uma crítica especializada, por entender que a crítica especializada exige determinada metodologia que eu não aplicava no dia a dia.

[CRISTIANE] Essa é uma discussão super profunda e de poder acadêmico. Eu converso muito com a Ananda [Luz][55], porque por muito tempo eu me excluí desse campo da crítica literária, sempre salientando ser dentro do jornalismo, porque é uma crítica especializada de um tipo de produto cultural especializado, como música, cinema e tal. O meu trabalho na Crescer é, a meu ver, muito mais ligado à curadoria do que à crítica literária. Costuma ser em outros veículos de comunicação, no sentido de que eu não uso o espaço para fazer crítica ao que é publicado. Estou falando de uma coluna que tem um espaço para a indicação de livros para os leitores, no caso, para as famílias e educadores que têm acesso à revista Crescer. Então, não é como no cinema, por exemplo, vou falar da Isabela Boscov[56], que faz isso há décadas, agora no YouTube, mas que se dedica a fazer um comentário sobre problemas de um filme, uma parte que gostou, uma parte que não gostou, que realizou, não realizou... Isso é muito comum no cinema. Hoje em dia é mais difícil alcançar tudo por conta dos streamings, mas por muito tempo era isso, quer dizer, tudo que estava em cartaz, todos os críticos iam às

[55] Vide nota 31.

[56] Jornalista e crítica de cinema com mais de 30 anos de carreira.

cabines, assistiam e opinavam. Pensando especificamente, é também o meu pensamento na hora que eu estou indicando, como eu faço isso, por exemplo, no Instagram ou algum outro espaço até de aula, inclusive... Quando eu estou indicando um livro, falando sobre as potencialidades dele, porque quando eu estava indicando aquele livro, eu também estou, de alguma forma, colocando para reflexão pontos que eu acho importantes, que pode ter a ver com a criatividade, pode ter a ver com o tema, pode ter a ver com a forma como elaborou um tema... Então para mim é uma crítica que propõe parâmetros a partir de mim, isso é muito importante no jornalismo, essa busca pela ética, por conta da responsabilidade que você tem de falar alguma coisa sobre algo. A gente esquece que na hora que a gente está diante de um produto cultural, a gente está sendo afetado por ele. Pode ser que anos atrás eu fosse afetada de um jeito ruim por essa ideia, mas agora para mim é bem resolvido. Então a linguagem que eu estou usando para falar sobre determinado livro tem a ver com quem eu sou, por onde eu passei, os meus valores... E para não ficar só em torno de si mesmo, é procurar diversidade. É isso que eu que eu acabo fazendo, ampliando, de vir com a certeza de que eu não sou a mesma pessoa, a mesma coluna que escreveria há 20 anos. Essa busca da bibliodiversidade... Diferentes editoras, diferentes autores, diferentes temas, até no campo mesmo da literatura para a infância, do livro para a infância, faixas etárias diferentes também. No caso da Crescer, livros para mais bebês... mas sempre borrando essas fronteiras, é meu papel dar esses contornos para o leitor. Então eu também faço isso com tranquilidade... O que eu estou escrevendo tem ali alguma coisa que dá para usar como parâmetro mesmo e para criarem, aí tem o meu lado de educadora, que sempre fui, sempre tive, mesmo antes de ser educadora, hoje eu penso muito assim, e a Crescer me ajudou muito também... Quer dizer que você está colocando as partes, para você pensar o todo e para o leitor também ter as suas opiniões. Então por isso que eu considero uma crítica literária especializada. E por que é especializada? Porque a gente sabe que é um lugar, tem uma linguagem, tem as suas próprias questões para perceber se determinado livro é original ou não, em que momento está sendo lançado, se está ofendendo alguém ou não, como identificar, por exemplo, alguma questão racista, etc. Mas tem os específicos, como você pode referenciar a criança numa história, que temas você vai trazer... Talvez não seja tão só focado no que é literatura infantil, mas no que se pensa sobre infância, por isso que fica tão complexo.

Você entende que nos últimos anos a literatura infantil deixou o status de "menor" e "inferior" ou ainda segue sendo a "prima pobre" da literatura e não levada a sério?

[BRUNO] Não vejo muitas mudanças, infelizmente. A LIJ ainda é a prima pobre da literatura. Muitas vezes, nem é considerada parente. Acho que hoje existe um engajamento maior do microcosmo da LIJ em busca de uma valorização dessa produção, sobretudo entre autores, editores especializados e alguns livreiros, mas o mercado em geral ainda encara o livro para a infância do mesmo jeito: como "livrinho", ferramenta pedagógica, passatempo de criança, commodity de compra governamental e caminho rentável para as editoras conseguirem fechar o ano no azul. Para muitas delas, a LIJ é mais uma estratégia contábil do que um projeto editorial.

[JANAÍNA] Eu acredito que essa discussão vem ganhando mais corpo ao longo dos últimos anos com o crescimento de cursos de especialização, aumento de editoras publicando obras para crianças e livrarias especializadas ou que se preocupam com uma curadoria para as infâncias dentro de seus acervos para adultos, além de espaços como os clubes de leitura, por exemplo. No entanto, a literatura para as crianças ainda ocupa um lugar majoritariamente utilitário, se resumindo a fins pedagogizantes. Nas escolas, ouvimos relatos sobre a falta de tempo para leitura ou mesmo o uso da literatura para alfabetização e atividades de língua portuguesa. Claro que há professores/as fazendo trabalhos incríveis, apresentando obras de excelência em rodas de leitura, mas infelizmente ainda não é um cenário consolidado, ao contrário, encontra resistência muitas vezes dentro da própria instituição de ensino ou mesmo entre as famílias da escola que questionam a leitura de determinadas obras, principalmente no que diz respeito a temas fraturantes. Entendo que em uma sociedade adultocêntrica, que enxerga a infância como uma fase a ser superada, a literatura infantil é encarada como uma oportunidade de decidir o que a criança deve consumir, tendo como finalidade "aprender algo", "encontrar uma moral da história", "se preparar para o futuro". A busca por fruição estética, interpretação simbólica e construção de múltiplos sentidos que escapem das dualidades bom/ruim, certo/errado ganhou fôlego nos debates, no entanto, ainda não é uma realidade para muitas crianças. Algumas crianças nem têm acesso aos livros por motivos diversos, incluindo a falta de políticas públicas consistentes. As observações são baseadas em conversas frequentes com autores(as), editoras, livreiros(as), professoras(es) e também com famílias e crianças, algo que acho fundamental para pautar as conversas do Páginas da Infância.

[BIA] Tenho a sensação de que mudou muito a percepção de como a literatura infantil é vista. Acho que para muitas pessoas ainda é, [mas] não sei quantificar isso. Acho que se entende que é um mercado importante, se entende a importância da literatura para o desenvolvimento das crianças, para a questão da alfabetização. Acho que hoje se tem uma

percepção grande e tem-se a percepção da literatura infantil como arte mesmo. Não toda literatura, assim como nem toda literatura chamada adulta é uma. A gente usa, a gente pode dizer que é a arte das palavras, acho que com a literatura infantil acontece o mesmo. Você tem obras que são livros para criança, ok, e tem outras que são a arte, que são essa construção de duas formas de narrativa, uma verbal e outra imagética, e como essas duas formas de narrativa se entrelaçam. Então acho que nas universidades, eu acredito que mudou esse olhar. Você tem hoje espaços que não são, não tem essa característica de universidade, mas que são centros importantes de produção, de crítica literária, de produção da própria literatura. Então acho que teve uma mudança nos últimos anos, mas é lógico que tem uma parte da sociedade e mesmo de muitos autores da chamada literatura adulta que enxergam, "ah, é um livrinho para criança"... Mas acho que essa desvalorização não é só da literatura infantil, é de um olhar, tem gente que tem um olhar muito pobre sobre a infância e sobre a importância desse período e dos objetos que a cercam.

[CRISTIANE] Sim, ainda é considerado menor no campo das artes ou no campo da literatura. Por exemplo, alguma publicação jornalística vai dar uma lista dos 25 melhores livros do ano ou da década, do milênio... nunca vai estar um livro para a infância. Eu nunca vi, aqui no Brasil com certeza não. E quando tem as listas, elas são especificamente voltadas, para o público infantil, no máximo juvenil, então elas vão ficar ali focadas naquilo. Por exemplo as premiações... Quantas vezes o Prêmio Jabuti[57], que é a nossa maior referência, o prêmio mais famoso brasileiro de literatura, mudou os nomes das categorias relacionadas ao livro para as infâncias? Muitas. Já teve melhor livro infantil, melhor livro juvenil, mas já teve melhor livro infantojuvenil; já teve melhor texto para livro infantil, hoje tem melhor ilustração... Agora com a questão de entendermos mais o livro ilustrado, se a gente pensar que o livro ilustrado é um gênero narrativo, nesse encontro de linguagens, então teria que ter uma categoria específica? Teria que ter um prêmio específico? Aquela ilustração sozinha, pode ser que ela não tenha um status de um prêmio de melhor ilustração comparado com alguma outra, mas o quanto ela é fundamental na narrativa? Às vezes é uma bolinha... Ou como o Leo Lionni[58] fez, a imitação de um papelzinho amassado colorido em O Pequeno Azul e o Pequeno Amarelo[59], mostrando que o personagem está sozinho, nunca vai ganhar o prêmio de melhor ilustração, mas é fundamental, perfeito, incrível, literário, dentro do livro ilustrado, porque é

[57] Premiação literária tradicional do Brasil, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) desde 1958.

[58] Escritor, ilustrador e designer italiano, autor de diversos livros para as infâncias.

[59] Obra de estreia de Leo Lionni, lançada em 1959. Atualmente editado no Brasil pela Livros da Matriz.

um livro que supõe uma narrativa em sequência, uma imagem fragmentada que conta uma história, então tem muitas nuances, muitos conceitos híbridos que se borram dentro do que afeta a literatura infantil. Quando a gente começa a se envolver, a gente se apaixona justamente por isso, porque você fala, puxa, eu posso dar esse livro e tocar uma criança de dois anos e uma pessoa de 70, de 35, por conta da história, por conta do tema, por conta de como ela está sendo narrada. Então é muito contraditório para a imensidão que é a literatura dita para infância, para crianças, no tamanho que ela tem, ficar restrita, sendo que ela é imensa, ela ultrapassa, porque ela também é para quem não está ainda acessando a outra literatura, ou a literatura com mais textos ou com questões mais complexas ou com outros tipos de assuntos... Por exemplo, estava vendo o Estúdio i[60], da GloboNews[61], na época de São Cosme Damião, a Flávia Oliveira[62] indicou dois livros infantis, dois livros para a infância. Imagina se tivesse no programa toda sexta-feira, uma indicação de um livro ilustrado, textos e imagens... Todo mundo poderia ter acesso a isso e a gente ia ampliar as possibilidades de leitura de muitas pessoas, inclusive as que acham que não leem. Imagina se tivesse, como tempos atrás a gente teve a Paula Saldanha[63] fazendo isso no Globinho[64]... era dentro do Globinho, dentro dessa faixa de pensar para criança, mas hoje a gente nem isso mais tem, nem nos canais voltados para a infância tem programa falando só de livro. Nem uma esquete de cinco minutos... Quanto que a gente ia poder movimentar, inclusive os tais números da Retratos da Leitura no Brasil[65]?

Considerações finais

"A escrita tem um valor quando ela é colada na vida e na experiência." (Stela Battaglia)[66]

[60] Um dos programas de maior audiência da *GloboNews*, exibido de segunda a sexta-feira, das 13h às 16h. Desde 2022 ancorado pela jornalista Andréia Sadi.

[61] Canal de notícias 24 horas do Brasil, vinculado à Rede Globo, no ar desde 1996.

[62] Jornalista, comentarista fixa de programas como o *Estúdio i*, *Edição das 18h* e *Em Pauta*, da *GloboNews*.

[63] Jornalista, escritora, ambientalista. Esteve à frente do programa *Globinho*, da *Rede Globo*, entre 1977 e 1983.

[64] Exibido pela *Rede Globo* de 1972 a 1983, foi um marco na televisão brasileira, sendo o primeiro telejornal voltado ao público infantil.

[65] Principal levantamento sobre os hábitos de leitura dos brasileiros, realizado periodicamente pelo Instituto Pró-Livro desde 2000.

[66] Fala de Stela Battaglia, professora da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 04/12/2025, sob o tema "Mediação literária: um conceito em discussão".

A coluna *Grandes Livrinhos* está no ar desde agosto de 2025, acumulando até o momento[67] 50 episódios, presente em três emissoras de rádio, quiçá quatro, em breve. Quero acreditar que esses episódios propagam livros diversos para as mais variadas infâncias, para quem ainda é criança e para as crianças que já cresceram. São livros inteligentes, respeitosos, criativos, originais, surpreendentes, engraçados, sensíveis, reflexivos, interessantes, curiosos... Todas as obras abordadas carregam algum, e sobretudo alguns, desses adjetivos.

E, como jornalista em um espaço midiático, só pude contribuir para a disseminação desses livros por alguns motivos: primeiro, porque me interesso por eles, sou leitora de livros para as infâncias, me atravesso e me afeto por eles. Segundo, porque conto com um veículo de comunicação, no caso uma emissora de rádio legislativa, que acredita na importância dos livros para as infâncias e entende a relevância de reservar a eles um espaço na programação da emissora. O mesmo vale para as demais emissoras que replicam o conteúdo da *Rádio Câmara Bauru*, retransmitindo um produto cultural, educativo e sem fins comerciais, portanto, com liberdade de criação e isenção.

Todavia, a ausência desses elementos pode começar a nos dar uma pista da dificuldade de encontrarmos atualmente espaços importantes dedicados aos livros para as infâncias e juventudes nos veículos de comunicação brasileiros. Devido à limitação de tempo e espaço, não foi nossa intenção traçar esse mapeamento de forma definitiva - para isso, precisaria rastrear todos os estados e cidades brasileiras em busca de jornais, revistas, emissoras de rádio ou TV, dentre outros, com algum espaço aos livros infantis. Porém, acredito que foram referenciados alguns dos principais produtos atualmente no mercado. E são poucos, pouquíssimos, incipientes e insuficientes.

Emprestando aquele famoso quiasmo da publicidade dos anos 1980, o biscoito "vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?" e nos valendo de uma informação a partir da entrevistada Bia Reis, em que diz acreditar que boa parte da cobertura de notícias sobre livros infantis advém, antes de tudo, do interesse do próprio profissional, podemos pensar – o espaço dentro do jornalismo especializado em cultura dedicado aos livros para as infâncias é pequeno porque são poucos os profissionais especializados e interessados, ou justamente são poucos os profissionais especializados e interessados, portanto o espaço dedicado aos livros infantis é irrisório?

O escritor estadunidense Mac Barnett, em seu livro *A passagem secreta: porque os livros infantis são uma coisa muito séria*, é corajoso (e verdadeiro) o suficiente para dizer que "a

[67] Agosto de 2026.

melhor literatura infantil é tão boa quanto a melhor literatura produzida por humanos, ponto final[68]" (BARNETT, 2024, p. 33). E ele próprio, na mesma obra, páginas à frente, fala sobre a questão da crítica literária, assim:

> Uma das consequências da pouca valorização cultural dos livros infantis é um discurso atrofiado: a falta de crítica literária rigorosa; a ausência de um debate público sólido, apesar das grandes cisões; a redução de resenhas em jornais e na mídia de interesse geral. (BARNETT, 2024, p.50).

Um livro não é um objeto trivial. Carrega, em si, objetividades e subjetividades que vão além de um "conjunto de folhas de papel, impressas ou manuscritas, coladas ou costuradas num dos lados, cobertas por uma capa", na definição do dicionário Michaelis.

O livro é um "objeto que só existe quando é lido" (HANSEN, 2019, p. 35) e, mais ainda, só existe devido à "dobra prodigiosa", conforme o professor Michel Melot: "Tivesse eu que definir um livro, falaria de um objeto que tem peso, formato, textura e preço, que circula e se transforma, cujos exemplares são diferentes uns dos outros, e que por sua estrutura possui certas propriedades. Diria que o livro nasceu da dobra" (MELOT, 2019, p. 57).

E o livro ilustrado, que muitas vezes se funde e se confunde aos livros para as infâncias, ainda carrega a magia artística das ilustrações, elevando esse tipo de livro a uma outra categoria que, apesar já ter avançado bastante nas últimas décadas em termos de compreensão do mercado e dos leitores, ainda carrega certos reducionismos e limitações. Nas palavras das pesquisadoras Maria Nikolajeva e Carole Scott,

> O preconceito comum de que os livros ilustrados são literatura para crianças muito novas aparentemente está baseado na noção lacaniana da linguagem pré-verbal, imaginária, que é, se não dominante, certamente evidente nos livros ilustrados quando comparados aos romances. Ao que parece, os livros ilustrados, combinando com sucesso o imaginário e o simbólico, o icônico e o convencional, alcançaram algo que nenhuma outra forma literária conseguiu dominar. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 330)

A meu ver, todo esse simbolismo, para além da concretude do objeto livro, seja ele ilustrado, para as infâncias ou não, demonstra uma complexidade que poderia afugentar os leigos ou os menos dispostos a decifrá-lo, para não serem devorados[69]. Esse pensamento

[68] Similarmente, "literatura para criança tem que ser igual que de adulto, só que melhor", comumente atribuída à escritora Maria Clara Machado.

[69] "Decifra-me ou te devoro" – conforme a mitologia grega, ultimato dito pela Esfinge de Tebas aos viajantes que ousavam ultrapassá-la.

justificaria ainda mais a necessidade de se encarar como crítica literária especializada o trabalho daqueles que se dispõem a decifrar, corajosamente, esse objeto único.

O professor e pesquisador Peter Hunt, em sua obra *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, discorre sobre a intersecção entre os elementos propostos no título. Para ele, a crítica tradicional costuma encarar a literatura infantil como um "gueto" literário, vista apenas como uma ferramenta pedagógica e não como arte legítima. Defende que na maior parte dos casos, a crítica é adultocêntrica, centrada a partir dos critérios da literatura adulta, quando deveria ser centrada na criança e na sua experiência de leitura, sugerindo uma "crítica criancista" (do original, *childist criticism*), tendo a criança como foco e destinação e buscando descentralizar a perspectiva do adulto (HUNT, 2010).

É complexo, pois, o cenário da crítica literária especializada em livros para as infâncias, o que talvez sirva de argumento, porém não de simples justificativa, à escassez de espaço nos meios de comunicação, este que seria o abrigo por excelência para a crítica em si.

Interessante perceber, a partir dos veículos de comunicação listados por este trabalho, que dão à sua maneira espaço à difusão do livro para a infância, que o rádio acabe sendo espaço promissor, embora improvável, para discutir a literatura infantil. Promissor porque vemos programas e *podcasts* diversos, a exemplo do próprio *Grandes Livrinhos*, e improvável porque, como já discutimos, não fornece ao ouvinte a representação visual do livro abordado.

Mas seja pelo rádio, pela TV, em mídias impressas ou digitais, fato é que se torna urgente a criação de novos espaços nos meios de comunicação que forneçam espaço aos livros para as infâncias, seja em forma de resenha, divulgação dos lançamentos, artigos, reportagens aprofundadas… A escassez é tamanha que, por ora, celebraremos qualquer fanico dedicado a condecorá-la.

Gosto de pensar que a coluna *Grandes Livrinhos*, ainda limitada à imaturidade de seus poucos episódios, promete servir como relevante espaço de reflexão sobre os livros para as infâncias. Ainda restrita a três emissoras de rádio, seguiremos trabalhando para apresentá-la a mais emissoras, especialmente as institucionais e sem fins lucrativos, no entendimento e na esperança de que será acolhida. O formato também pode vir a ser alterado, quiçá expandindo em tempo e abordagens, incluindo entrevistas com autores, editores… Desta forma, cumprimos, mesmo que modicamente, nosso papel e nosso objetivo em carregar, com orgulho, o estandarte dos livros para as infâncias como causa, como militância, como paixão. Com seriedade, respeito e comprometimento.

Por fim, registro uma frase marcante que encontrei no *website* d'A Casa Tombada: "O modo como você estuda, o modo como você pergunta, o modo como você junta as coisas é um

método. Pesquisar é coletar e também um deixar ir". Meu método é o jornalismo, este que aprendi nas cadeiras da academia e nos caminhos da vida, por meio do qual coleto e deixo ir. E por meio do qual, enquanto método e bússola, registro essa escrita de mim.

Referências bibliográficas

"É o leitor que escolhe quem escreveu para ele." (Odilon Moraes)[70]

ALIANÇA INTERNACIONAL DOS EDITORES INDEPENDENTES. Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes de 2014: para juntos mantermos viva e fortalecermos a bibliodiversidade. Disponível em: <https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_de_editores_e_editoras_independentes_2014_port.pdf>. Acesso em: 28fev2026.

BARNETT, Mac. A passagem secreta: porque os livros infantis são uma coisa muito séria. Campinas: Nanabooks, 2024.

BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Rádio Câmara Bauru. *In*: DEL BIANCO, Nelia; SILVA, Verônica Lima Nogueira da. (Orgs.) Interiorização da Rádio Pública: informação legislativa para todo o Brasil. Brasília: Edições Câmara, 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Disponível em: <https://cbl.org.br/>. Acesso em 01mar2026.

DEL BIANCO, Nelia; MACEDO, Ana Raquel; SILVA, Verônica Lima Nogueira da. Rede Legislativa de Rádio da Câmara dos Deputados. *In*: DEL BIANCO, Nelia; SILVA, Verônica Lima Nogueira da. (Orgs.) Interiorização da Rádio Pública: informação legislativa para todo o Brasil. Brasília: Edições Câmara, 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. LinkedIn, 2023. Disponível em: < https://www.linkedin.com/posts/luiz-artur-ferraretto-238a63a0_esque%C3%A7am-o-que-eu-escrevi-a-respeito-embora-activity-6929402191677976576-FQXj/>. Acesso em 28fev2023.

[70] Fala de Odilon Moraes, professor da pós-graduação *O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada, em aula à turma 11 em 14/11/2024, sob o tema "Dos clássicos contemporâneos ao livro ilustrado no Brasil".

HANSEN, João Adolfo. O que é um livro? Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc, 2019.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS. Disponível em: <https://libre.org.br/>. Acesso em: 02mar2026.

MELOT, Michel. A sabedoria do bibliotecário. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc, 2019.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ORTRIWANO, Gisela S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. *In*: REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 66-85, dezembro/fevereiro 2002-2003.

ROGERIO, Cristiane; FELTRE, Camila; LUZ, Ananda. O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação. *In*: A CASA TOMBADA. Abrigar a impermanência: chão e telhado para o estudo e a pesquisa. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. Livro infantil ilustrado. São Paulo: Edições Rosari, 2013.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Disponível em: <https://snel.org.br/>. Acesso em: 01mar2026.